

SERMÃO 10

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A doutrina do testemunho do Espírito pode ser considerada, em sentido especial, peculiar ao Metodismo. Não que ela não tenha sido ensinada, em alguma medida, por outros, mas porque foi mais plenamente explanada, mais intensamente observada e mais especialmente realçada pelo Metodismo do que por quaisquer outros sistemas de ensino cristão. Wesley provou à sociedade que os escritores do terceiro, quarto e quinto séculos ensinaram esta doutrina, citando, a este propósito, obras de Orígenes, Crisóstomo, Atanásio e Agostinho, assim como Bernardo, vários séculos depois de Agostinho. Lutero, Melancthon e as “Homilias” da Igreja da Inglaterra forneceram-lhe abundantes provas.

Embora os traços principais desta grande verdade escriturística se encontrem nas obras tanto dos primitivos como dos mais recentes teólogos, há notória lacuna na exposição que dela fizeram. Ninguém deixará de observar, lendo aqueles autores, a ausência de agudeza de convicção, resultante da falta de conhecimento experimental da doutrina que expunham. Tal doutrina é aceita e ensinada como parte da revelação divina, inseparável da lição apostólica; mas não existe especial relevo dado a ela no caráter de verdade *vital*. Em outras palavras, o ensino dos autores citados é especulativo, em vez de ser prático.

Wesley a recebeu dos morávios, não obstante estar ela inscrita nos padrões doutrinários de sua própria Igreja. Quando, entretanto, seu espírito foi plenamente despertado pela sua importância, ele não mais seguiu os guias morávios, mas voltou-se para as Escrituras, com aquela energia completa e infatigável que o caracterizava. Ai, na Palavra de Deus, ele viu a verdade gloriosa e no mesmo livro encontrou os princípios que o habilitaram a defendê-la, quer ao ser assaltada por inimigos declarados, quer ao ser corrompida pelos amigos de visão estreita.

Wesley não assegura que a doutrina do testemunho do Espírito seja essencial àqueles que ignorem esse privilégio do Evangelho, uma vez que é possível que a substância possa ser experimentada, sem que essa bênção seja reconhecida pelo nome. Afirma, todavia, que a doutrina é essencial ao desenvolvimento da santidade interior e exterior, em relação àqueles a quem ela for pregada de modo claro e compreensível. Em sua própria experiência e da de outros, Wesley sentiu, entretanto, a necessidade de apegar-se estreitamente ao enunciado dessa e das demais revelações do Evangelho. As controvérsias em que se envolveu, na defesa dessa verdade, duraram até quase o fim de sua vida, porque os adversários eram numerosos, sendo que o entusiasmo e o fanatismo lhe deram tanto trabalho como a negação dos que obstinadamente rejeitam os claros ensinamentos da Bíblia.

De um lado se admitia que o cristão pudesse ter uma razoável certeza de salvação, sendo, entretanto, tal certeza, mero produto da razão humana. Se o homem, pelo exame de si mesmo, pudesse satisfazer-se com o esforço tendente a conformar seu espírito e seus hábitos às exigências da Palavra de Deus, traduzida com amor, essa razoável convicção de sinceridade, associada a uma vida moral e limpa, plenamente preencheria todas as exigências da esperança cristã e todas as promessas contidas nas Escrituras. De outro lado, aceitando a doutrina em toda sua extensão e amplitude, havia muitos dentre os morávios, incluindo-se entre estes o Conde Zinzendorf, que pregavam uma perfeição impecável, da mais elevada espécie, terminando, todavia, seu ensino, em Antinomianismo do tipo mais destrutivo. Como veremos, Wesley foi compelido a dar combate a esta última classe de falsos mestres, com eles tão vigorosamente contendendo como havia ardorosamente resistido aos primeiros, aos que negavam a doutrina do divino testemunho.

O menor dos testemunhos dados ao conservadorismo da teologia de Wesley não foi o da oposição que lhe fizeram os extremistas de todas as classes. Pelos formalistas ele foi chamado “entusiasta” e foi pelos fanáticos tratado como “legalista”, embora claramente se veja que Wesley não era nem uma, nem outra coisa; mas, em matéria de conhecimento experimental do perdão dos pecados e do testemunho do Espírito, não se deixava arrastar pelos ridículos de um partido, nem pela extravagância de outro. “Conheço mais de doze ou quinze centenas de pessoas” — diz ele — “que acredito, e não com fundamentos superficiais, serem verdadeiramente piedosas, e que particularmente testificaram a mim, com sua própria boca, que

sabem em que dia o amor de Deus foi pela primeira vez derramado em seus corações e quando o Espírito primeiro testificou com seus espíritos que eles eram filhos de Deus.” Se, ta dito em seu louvor que ele estava tão pronto a ouvir da experiência de um mineiro de Kingswood ou de um remendão de Londres, como de um par do Reino ou do arcebispo de Canterbury. Wesley não distinguia ninguém segundo a carne, desde que o Evangelho estivesse em debate; e quando o testemunho dos outros coincidia tão vividamente com o seu próprio testemunho, o pregador não hesitava em declarar Q que cria e sentia ser verdadeiro.

ESBOÇO DO SERMÃO 10

Os erros do fanatismo neste assunto. Os erros da razão em sentido oposto.

I. A natureza do testemunho.

1. De nosso próprio espírito. Não deve suplantar o teste mundo do Espírito de Deus. Seus fundamentos repousam nos sinais escriturísticos dos filhos de Deus. A consciência testifica que temos esses sinais. Daí a segurança de que somos filhos de Deus.

2. Do Espírito de Deus. “Uma íntima impressão da alma, pela qual o Espírito de Deus diretamente testifica que sou filho de Deus; que Jesus Cristo *me* amou e se entregou por *mim*; e que todos os meus pecados são perdoados, e *eu*, sim, *eu*, sou reconciliado com Deus”.

Este testemunho do Espírito de Deus precede ao de nosso espírito. O Espírito de Deus opera juntamente no testemunho de nosso próprio Espírito.

A plena segurança é tão evidente como a verdade da Escritura e a convicção de nossa própria consciência, mas baseada na *divina* evidência comunicada de modo sobrenatural.

II. Como pode essa conjugação de testemunhos ser distinguida da presunção da mente natural e do engano do diabo?

1. Por seus antecedentes — convicção de pecado e arrependimento.

2. Pela mudança conseqüente. O verdadeiro testemunho é seguido de humildade; o engano se faz seguir de orgulho. O verdadeiro produz frutos de santidade; o falso estimula o pecado.

3. A consciência retamente disposta, o verdadeiro testemunho é evidente por si mesmo.

4. A consciência dos frutos no testemunho de nosso próprio espírito, assegura-nos que não nos enganamos com a voz do Espírito Divino.

Sermão 10



O TESTEMUNHO DO ESPÍRITO

DISCURSO 1

“O mesmo Espírito dá testemunho com o nosso espírito, de sermos filhos de Deus.”

(Romanos 8.16)

1. QUANTOS homens insensatos, não sabendo o que dizem, nem o que afirmam, torcem esta Escritura para grande ruína, senão para a destruição completa de suas almas! Quantos há que tomaram a voz da própria imaginação como o testemunho do Espírito de Deus, daí ociosamente concluindo serem filhos de Deus, conquanto estivessem fazendo as obras do diabo! Esses são verdadeira e propriamente fanáticos, e, na verdade, o são na pior acepção desse qualificativo. Mas, com que dificuldade se convencem disto, especialmente se se embriagaram profundamente com o espírito de erro! Todos os esforços feitos para os trazer ao conhecimento de si mesmos, eles os reputam como hostilidade a Deus; e a veemência e

impetuosidade de espírito empregadas no que eles chamam “bater-se ferventemente pela fé”, — colocam-nos tão acima de todos os métodos usuais de convicção, que bem podemos dizer: “Aos homens é isto impossível!”

2. Quem, logo, pode ficar surpreendido, se muitos homens razoáveis, vendo os terríveis efeitos dessa ilusão, e esforçando-se por ficarem à maior distância dela, algumas vezes pendem. Para o outro extremo; se perdem toda a pressa em crer em alguém que diga possuir esse testemunho, em relação ao qual outros têm tão perigosamente errado; se chegam quase a ponto de condenar como fanáticos os que usam de tais expressões, que têm dado aso a que outros tão terrivelmente abusem? Sim, quem pode surpreender-se, se alguns homens questionam sobre se o testemunho ou prova de que se fala é privilégio ordinário dos cristãos, e não um daqueles dons *extraordinários*, que eles supõem pertencerem somente à idade apostólica?

3. Existe, porém, qualquer necessidade que nos constranja a correr para um ou para outro extremo? Não podemos navegar pelo meio da corrente, guardando suficiente distância do espírito de erro e do fanatismo, não negando o dom de Deus e não renunciando ao grande privilégio de seus filhos? Certamente que podemos. Nesse sentido consideraremos, na presença e no temor de Deus.

Primeiro - Que é o testemunho ou prova de nosso espírito; qual é a prova do Espírito de Deus e como ele “testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus”?

Segundo - Como pode ser esse testemunho conjugado do Espírito de Deus e do nosso próprio espírito, clara e solidamente distinguido da presunção da mente natural e do engano do diabo?

I

1. Consideremos, primeiro, o que é o testemunho ou prova de nosso espírito. Neste ponto não posso deixar de desejar a todos os que procuram confundir o testemunho do Espírito de Deus com o testemunho racional de nosso próprio espírito, que observem que, no texto, o apóstolo está tão longe de falar do testemunho de nosso próprio espírito *somente*, que pode pôr-se em dúvida fale ele nisso de *qualquer maneira*; quem sabe se ele não fala *somente* do testemunho do Espírito de Deus? Isto não está suficientemente claro; mas o texto original pode ser razoavelmente entendido como segue. O apóstolo acabava de dizer, no versículo precedente: “Temos recebido o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Abba, Pai”; e imediatamente acrescenta: *Αυτο το πνευμα, (algumas cópias inserem το αυτο πνευμα συμμαρτυρει τω πνευματι ημων, οτι εσμεν τεκνα θεου* que pode ser assim traduzido: O mesmo Espírito dá testemunho a nosso espírito, que somos filhos de Deus”. (A preposição *συν*denota somente que ele testifica isto *ao mesmo tempo* que nos habilita a dizer: Abba, Pai). Mas eu não levo mais longe a discussão, visto que muitos outros textos, confirmando a experiência de todos os verdadeiros cristãos, suficientemente evidenciam que se produz em todo crente não só o testemunho do Espírito Santo, como o. testemunho de seu próprio espírito, de que é filho de Deus:

2. Em relação ao último, seu fundamento repousa nos diversos textos da Escritura que enumeram as características dos filhos de Deus, e isto é tão claro, que mesmo de passagem qualquer que leia o percebe. Há coletâneas, preparadas por escritores antigos e modernos, em que essas características se apresentam agrupadas e postas em destaque. Se alguém necessita de mais luzes, pode recebê-las através do ministério da Palavra, meditando nela diante de Deus, em secreto, ou conversando com os que têm maior conhecimento de seus caminhos. E, pela razão ou entendimento que Deus lhe deu, e que a religião se destina, não a extinguir, mas a aperfeiçoar, consoante o dizer do apóstolo: “Irmãos, não sejais criancinhas no entendimento: na malícia; ou maldade, “sede criancinhas, mas no entendimento sede adultos” (1Co 14.20), — todo homem, aplicando a si mesmo aquelas características bíblicas, pode saber se é filho de Deus. Primeiro, notamos: “Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus”, em todos os santos impulsos e ações, “são filhos de Deus” (do que têm a infalível garantia. do Sagrado Escrito); em seguida; voltemo-nos para nós mesmos: Sou assim “conduzido pelo Espírito de Deus”. A conclusão facilmente se impõe: “logo, sou filho de Deus”.

3. Concordes com esta são todas as declarações claras de S. João em sua primeira Epístola: “Sabemos, por isso, que o conhecemos, se guardamos os seus mandamentos” (cap. 2.3). “Aquele que guardar a sua palavra, nele o amor de Deus é realmente perfeito. Por isso conhecemos que estamos nele”, que somos na

verdade filhos de Deus (versículo 5). “Se souberdes que Ele é justo, reconhecei que também todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.” (versículo 29) “Sabemos que já passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos.” (cap. 3.14) “Por isto sabemos que somos da verdade e diante dele tranqüilizamos o nosso coração” (versículo 19), isto é, porque “amamos uns aos outros, não em palavras, nem de língua, mas em obras e em verdade”. “Conhecemos que permanecemos nele e Ele em nós, por Ele nos ter dado do seu Espírito” de amor (cap. 4.13). E “nisto conhecemos que Ele permanece em nós, pelo Espírito” de obediência “que Ele nos deu” (cap. 3:24).

4. É muitíssimo provável que, desde o começo do mundo até hoje, jamais tenha existido um filho de Deus que tanto avançasse na graça do Senhor e no conhecimento de Jesus Cristo, como o apóstolo João, sendo da mesma condição espiritual os pais em Cristo a quem ele escreveu aquelas memoráveis palavras. Não obstante isto é evidente que, tanto o próprio apóstolo como todas aquelas colunas do templo de Deus, estavam muito longe de desprezar os sinais de sua condição de filhos de Deus, sendo certo que, para a confirmação de sua fé, eles os confrontavam com suas próprias almas. Tudo isto não passa, entretanto, de evidência racional, de testemunho de nosso próprio espírito de nossa razão ou de nossa compreensão. Tudo se resume nisto: os que apresentam tais características são filhos de Deus: nós temos esses características; — logo, somos filhos de Deus.

5. Mas, como se demonstra que temos tais características? Esta é a questão que resta a elucidar. Como se demonstra que amamos a Deus e ao próximo e que guardamos os mandamentos? Note-se bem a significação da pergunta: está em debate o saber-se — como se evidencia a *nós mesmos*, e não *aos outros*, que somos filhos de Deus? Eu perguntaria ao que formula semelhante pergunta: Como se evidencia a ti mesmo que estás vivo, que estás agora tranqüilo e não sob sofrimentos? Não és imediatamente consciente disto? Pela mesma consciência imediata conhecerás se tua alma vive para Deus, se estás salvo dos ardores do orgulho e da ira a se tens a serenidade de um espírito manso e sossegado. Usando dos mesmos meios, não poderás deixar de perceber se amas a Deus, se nele te regozijas e te alegras. Ainda do mesmo modo debes estar diretamente seguro de amares a teu próximo como a ti mesmo; debes saber se te sentes generosamente, afeiçoado a toda a humanidade, estando cheio de ternura e compassividade. Em relação aos sinais exteriores dos filhos de Deus, que são, entre outros, segundo o ensino de S. João, a guarda de seus mandamentos, certamente conheces pelo teu próprio coração, se, pela graça de Deus, possui, esse característico importante. Tua consciência te informa se não pronuncias o nome de Deus a não ser com seriedade e devoção ou, pelo menos, com reverência e piedoso temor; se te lembras do dia do Senhor para guardá-lo em santidade; se honras a teu pai e tua mãe; se fazes a todos como quererias que te fizessem; se conservas teu corpo em santificação e honra; e se, quer comas ou bebas, és temperante nessas coisas, tudo fazendo para a glória de Deus.

6. Este é propriamente o testemunho de nosso espírito, ou seja, o testemunho de nossa consciência, que Deus nos deu para sermos santos de coração e santos na conversação. É a consciência de termos recebido, no Espírito de adoção e por este Espírito, os impulsos mencionados na Palavra de Deus, como pertencentes a seus filhos adotivos: a revelação de um coração amante, no trato com Deus e com toda a humanidade; um coração posto, com confiança infantil, em Deus, nosso Pai, nada desejando senão a Ele, nele pondo todo nosso cuidado e enlaçando todo o gênero humano na mesma afeição terna e profunda; a consciência de que somos inteiramente conformados, pelo Espírito de Deus, à imagem de seu Filho, e que andamos diante dele em justiça, misericórdia e verdade, fazendo as coisas que sejam agradáveis à sua vista.

7. Mas, qual é o testemunho que se Junta ao do Espírito de Deus e a este se adiciona? Como o Espírito dá “testemunho ao nosso espírito, de que somos filhos de Deus”? É difícil encontrarmos, na linguagem dos homens, palavras que expliquem “as coisas profundas de Deus”. Na verdade, nenhuma palavra há que adequadamente expresse a experiência dos filhos de Deus. Mas talvez possa alguém dizer (desejando que os ensinados por Deus possam corrigir, abrandar ou reforçar a expressão): “O testemunho do Espírito é uma impressão íntima feita sobre a alma, pela qual o Espírito de Deus diretamente testifica a meu espírito que sou filho de Deus; que Jesus Cristo me amou e deu-se a si mesmo por *mim*; e que todos os meus pecados são cancelados, e *eu*, sim, *eu*, sou reconciliado com Deus.”

8. Que este testemunho do Espírito de Deus precise Ser pela própria natureza das coisas, antecedente ao testemunho de nosso próprio espírito, resulta de uma única consideração. Devemos ser santos de coração e na vida, antes de termos consciência de que o somos, antes que tenhamos o testemunho de nosso espírito de sermos interior e exteriormente santos. De vemos amar a Deus antes de sermos santos, visto ser esse amor a, raiz de que brota toda a santidade. No entanto, não podemos amar a Deus enquanto não soubermos que Ele nos ama. “Amamo-lo porque Ele primeiro nos amou.” E não podemos conhecer seu amor perdoador para conosco, até que seu Espírito o testifique a nosso espírito. Desde, porém, que esse testemunho de seu Espírito deve preceder ao amor de Deus e à toda santidade, segue-se que deve preceder à nossa consciência íntima desse fato, ou seja o testemunho de nosso próprio espírito.

9. Então, e não antes, — é que o Espírito de Deus testifica com nosso espírito que “Deus te amou e deu seu próprio Filho para ser a propiciação de teus pecados”; que “o Filho de Deus amamos também a nossos irmãos. E disto não podemos deixar de ser cômnicos: “conhecemos as ,coisas que nos são livremente somos de Deus”. Este é o testemunho de nosso próprio espírito, que, enquanto perseverarmos no amor de Deus e na guarda de seus mandamentos, continua a unir-se ao testemunho do Espírito, de que “somos filhos de Deus”.

10. Não quero que ninguém conclua, de modo algum, do que foi dito no tocante ao assunto em foco, que se deva excluir, mesmo do testemunho de nosso próprio espírito, a operação do Espírito de Deus. De modo nenhum. É o Espírito que, não somente opera em nós toda espécie de coisas boas, mas também resplandece sobre sua própria obra, nelas mostrando aquilo que Ele tem feito. Conseqüentemente, disto é que fala S. Paulo, como um dos grandes fins para o qual recebemos o Espírito: o testemunho vem “para que possamos conhecer as coisas que nos são dadas livremente por Deus”, de modo que Ele possa fortalecer o testemunho de nossa consciência; no tocante à nossa “simplicidade e piedosa sinceridade”, e permitir-nos discernir, com uma luz mais intensa e mais forte, que nós fazemos agora as coisas que lhe agradam.

11. Se se inquirir: “Como o Espírito de Deus testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus, de modo a excluir toda dúvida e tornar evidente a realidade de nossa filiação”? — clara será a resposta, em face do que foi observado acima. Primeiro, quanto ao testemunho de nosso espírito: a alma tão íntima e evidentemente percebe quando ama, alegre-se e regozija-se em Deus, como quando ama a qualquer coisa da terra e nela se deleita. Tanto pode ela duvidar de que ame, alegre-se e regozije-se, como de que ela própria exista ou não. Se, pois, este raciocínio for correto, aquele que ama a Deus, que nele se alegra e delicia-se com humilde gozo, santo deleite e obediente amor, é filho de Deus; então o crente de modo algum pode duvidar de que é filho de Deus. Da primeira proposição ele tem tanta garantia quanto tem de que as Escrituras são de Deus; e de assim amar a Deus, tem uma prova interior, que em nada fica aquém da própria evidência. Deste modo, o testemunho de nosso espírito manifesta-se a nossos corações — em termos da mais íntima convicção, evidenciando, acima de toda dúvida razoável, a realidade de nossa filiação divina.

12. Não tomo o encargo de explanar a maneira pela qual — o testemunho *divino* se manifesta ao coração. Tal conhecimento é demasiadamente maravilhoso e excelente para mim: não posso atingi-lo. O vento sopra e ouço sua voz; mas não posso dizer de onde vem, nem para onde vai. Como ninguém conhece as coisas do homem, a não ser o espírito do homem que nele está, assim o *modo de ser* das coisas de Deus ninguém o conhece, a não ser o Espírito de Deus. Conhecemos, porém, o fato em si, isto é, que o Espírito de Deus dá ao crente tal testemunho de sua adoção, testemunho que, enquanto se fizer sentir a alma, não permitirá que o homem ponha em dúvida a realidade de sua filiação, como não pode ele duvidar do brilho do sol, estando este a dardejar a luz vigorosa de seus raios.

II

1. Como possa esse testemunho conjunto do Espírito de Deus e de nosso próprio espírito ser clara e solidamente distinguido da presunção da mente natural e do engano do maligno — eis o que passamos a considerar. E importa extraordinariamente a quantos desejem a salvação de Deus considerá-lo com a mais profunda atenção, de modo que não enganem à própria alma. Um erro neste ponto traz, como se tem observado, as mais funestas conseqüências, tanto mais que o que erra mui raramente descobre seu engano

antes que seja demasiadamente tarde para o emendar.

2. Primeiro, — como se distingue esse testemunho da presunção da mente natural? É certo que aquele que nunca foi convencido de pecado está sempre pronto a lisonjear-se a si mesmo e a pensar de si mais altamente do que deve pensar, especialmente no tocante às coisas espirituais. Daí não ser de modo algum estranhável que alguém, vagamente enfatuado pela mente carnal, ouvindo falar deste privilégio dos verdadeiros cristãos, entre os quais indubitavelmente se arrola, logo se excite até a persuasão de que já se encontre na posse desse dom. Estes exemplos são, no presente, abundantes no mundo, — e sempre o foram em todas as eras. Como pode então o testemunho real do Espírito ser distinguido de uma presunção condenável?

3. Respondo: as Santas Escrituras são pródigas na menção dos característicos pelos quais uma condição se distingue da outra. Elas descrevem, da maneira mais clara, as circunstâncias que precedem, acompanham e seguem o verdadeiro, genuíno testemunho do Espírito de Deus com o espírito do crente. Quem quer que pese cuidadosamente esses característicos e para eles atente, não terá necessidade de tomar trevas por luz. Perceberá tão marcante diferença acerca de todos eles, entre o real e o pretense testemunho, do Espírito, que não haverá perigo, e posso mesmo dizer possibilidade, de confundir um com o outro.

4. Por meio dos referidos característicos, aquele que vã- mente se presume de possuir o dom de Deus pode saber com segurança, se realmente o desejar, que ele até agora somente se entregou “a uma forte alucinação”, e pôs sua crença na mentira uma vez que a Escritura estabelece os característicos óbvios e claros, que precedem, acompanham e seguem o dom em questão, o presumido, mesmo com um mínimo de atenção, pode convencer-se, fora de toda dúvida, de que esses sinais jamais lhe adornaram a alma. Por exemplo: a Escritura descreve o arrependimento, ou convicção de pecado, como precedendo ao testemunho do perdão. Assim, “Arrependei-vos, porque o Reino dos céus está próximo” (Mt 3.2); “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mar. 1.15); “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado, para remissão dos pecados” (At 2.38); “Arrependei vos, pois, e convertei-vos, para que vossos pecados, possam sei apagados” (At 3.19). De conformidade com isto, nossa Igreja também constantemente coloca o arrependimento antes do perdão, e do testemunho desse perdão: “Ele perdoa e absolve a todos os que verdadeiramente se arrependem e crêem sem fingimento em seu santo Evangelho”. “O Todo-poderoso Deus prometeu perdão de pecados a todos os que, com sincero arrependimento e verdadeira fé, voltam-se para Ele.” Mas o tal é ainda estranho a esse arrependimento: jamais conheceu um coração, quebrantado e contrito: “a lembrança de .seus pecados” nunca lhe foi “penosa”, nem “o peso deles intoleráveis”. Repetindo aquelas palavras, ele nunca sente o que diz; meramente faz cortesia a Deus. Faltando-lhe essa prévia obra de Deus, grande razão tem ele para crer que se apegua a uma simples sombra, e nunca chegou a conhecer o real privilégio dos filhos de Deus.

5. Ainda mais: as Escrituras descrevem o ser nascido de Deus, que deve preceder ao testemunho de que somos seus filhos, como radical e poderosa mudança; mudança “das trevas para a luz”, assim como “do poder de Satanás para o de Deus”, “passando da morte para a vida” e ressurgindo dentre Os mortos. Assim diz o apóstolo aos Efésios: “Vós, que estáveis mortos em delitos e pecados, fostes vivificados” (2.1). E mais: “Quando estávamos mortos em pecados, Ele nos vivificou juntamente com Cristo, e levantou-nos, e fez-nos assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (versículos 5 e 6). Mas, que conhece o homem presumido acerca de quem falamos de mudança como esta? Não está a par deste assunto. Trata-se de uma linguagem que lhe é ininteligível. Ele te diz que sempre foi cristão. Não sabe, todavia em que tempo teve necessidade de tal mudança. Tam: bem em vista dessas coisas ele próprio se se der ao trabalho de pensar saberá que não é nascido do Espírito, que jamais conheceu a Deus, mas tomou a voz da natureza pela voz do Senhor.

6. Mas desistindo de considerar o que tenha ele experimentado ou deixado de experimentar no passado, pelas presentes características podemos facilmente discernir o filho de Deus, Separando-o do presunçoso enganador de si mesmo. As Escrituras caracterizam a alegria no Senhor que acompanha o testemunho do Espírito, como urna alegria humilde; uma alegria que se abaixa até o pó, fazendo o pecador perdoado dizer: “Sou vil! Quem sou eu, ou a casa de meu pai? Agora meus olhos te vêem e eu humilho-me a mim

mesmo em pó e cinzas!” E onde há humildade há mansidão, paciência, ternura, longanimidade. Há um espírito suave e dócil; uma tolerância e brandura uma delicadeza de alma que as palavras não podem descrever. Mas estes frutos seguem o *suposto* testemunho do Espírito num homem presunçoso? Exatamente pelo contrário. Quanto mais confiante se mostra o homem no favor de Deus, mais exaltado será; e quanto mais se exaltar a si mesmo, mais altivo e arrogante será em toda a sua aparência. Quanto mais forte é o testemunho que imagine ter, mais arrogante se mostrará no trato com os que o rodeiam mais incapaz de receber qualquer reprimenda, mais impaciente em face de qualquer contradita. Em lugar de ser mais humilde e cortês, mais dócil, mais “pronto para ouvir e tardio para falar”, será mais tardio para ouvir e pronto para falar mais indisposto para aprender, mais altivo e veemente em seu caráter mais áspero em sua conversação. Na verdade, algumas vezes apresenta um tal grau de agressividade em seu ar, em Sua maneira de falar, em seu todo em seu porte como se estivesse na iminência de tirar a questão das mãos de Deus e “devorar” ele próprio, “os adversários”.

7. Ainda mais: as Escrituras ensinam: “Este é o amor de Deus”, cujo sinal seguro é “guardarmos seus mandamentos” (1Jo 5.3). E nosso Senhor mesmo diz: “O que guarda meus mandamentos, este é o que me ama” (Jo 14.21). O amor se regozija em obedecer; em fazer, em todos os pontos, o que é aceitável ao bem-amado. O verdadeiro amante de Deus apressa-se em lhe fazer a vontade na terra, como é ela feita nos céus. Este é, todavia, o caráter do presunçoso pretendente ao amor de Deus? Não; pois que seu amor lhe dá liberdade para desobedecer, quebrando, em lugar de os guardar, os mandamentos de Deus. Talvez que, temendo, algumas vezes, a ira de Deus, trabalhe por fazer-lhe a vontade. Mas depois, olhando para si mesmo como quem “não está debaixo da lei”, julga não mais ser obrigado a observá-la. Assim é menos zeloso de boas obras, menos cuidadoso de abster-se do mal, menos vigilante sobre seu próprio coração, menos cuidadoso com sua língua, menos capaz de negar-se a si mesmo e tomar diariamente a sua cruz. Numa palavra: toda a forma de sua vida se altera, desde que fantasiou como livre a própria alma. Não se “exercita na piedade”, “combatendo não somente com a carne e o sangue, mas com principados e poderes”; suportando sofrimentos; agonizando “por entrar pela porta estreita”. Não, ele encontra um caminho mais fácil para o céu; uma estradas largas, limpas, florida, trilhando a qual pode dizer à alma: “Alma, descansa, come, bebe, folga-te”. Segue-se, com inegável evidência, que ele não tem o verdadeiro testemunho de seu próprio espírito. Não pode estar cômico de possuir aqueles característicos que na verdade não, lhe pertencem: a humildade, a mansidão e a obediência. O Espírito do Deus de Verdade não pode dar testemunho da mentira, como seria o caso, se testificasse ser ele filho de Deus, quando é, manifestamente, filho do diabo.

8. Descobre-te a ti mesmo, pobre iludido! tu que confias em ser filho de Deus; tu que dizes: “Tenho o testemunho em mim mesmo!” — e com isto desafia a todos Os teus inimigos. Foste pesado na balança e foste achado em falta, constatada pela balança do santuário. A Palavra do Senhor provou tua alma e mostrou que, eras prata reprovada: Tu não tens humildade de coração; logo, não recebeste até este dia o Espírito de Jesus. Não es pacífico e manso, por isto tua alegria de nada vale: não é o alegrar-se no Senhor. Não guardas seus mandamentos, por isso não amas a Deus, nem és participante do Espírito de Deus. Em consequência, é tão certo e evidente quanto possam fazê-la os Oráculos de Deus, que seu Espírito não testifica com teu espírito que sejas filho de Deus. Oh! Clama a Ele, para que te possam cair dos olhos as escamas e possas conhecer a ti mesmo como és conhecido; para que em ti mesmo possas receber sentença de morte, até que ouças a voz que reergue, os mortos dizendo: “Tem bom ânimo: teus pecados são te perdoados; tua fé te curou”.

9. “Mas, como pode o que tem o real testemunho em si mesmo distingui-lo da presunção”? Peço-te que me digas, por obséquio: como distingues o dia da noite? Como distingues a luz das trevas, ou a luz duma estrela, o chamejar de uma tocha, da luz do sol a pino? Não há uma diferença inerente, óbvia, essencial, entre uma e outra luz? E não percebes imediata e intuitivamente a diferença, desde que teus sentidos estejam corretamente dispostos? Do mesmo modo, há uma diferença inerente, essencial, entre a luz espiritual e as trevas espirituais, e entre a luz com que o Sol da Justiça ilumina nosso coração e aquela claridade crepuscular que se levanta apenas “das fagulhas de nossa própria excitação”: e esta diferença é também imediata e intuitivamente percebida, se nossos sentidos espirituais possuírem acuidade normal.

10. Pedir mais pormenorizada e filosófica definição da maneira pela qual distinguimos aquelas coisas, e dos critérios ou sinais intrínsecos pelos quais sabemos que ouvimos, a voz de Deus, é fazer exigência que jamais poderá ser satisfeita, mesmo por aquele que tenha o mais profundo conhecimento de Deus.

Suponhamos que, falando Paulo perante o rei Agripa, este sábio romano houvesse dito: “Tu dizes ter ouvido a voz do Filho de Deus: como sabes que se tratava mesmo de sua voz? Por que critério, que sinais intrínsecos, tu conheces a voz de Deus? Explica-me o meio de distinguir essa voz, da voz humana ou Angélica!” Julgas que o próprio apóstolo teria feito qualquer tentativa para responder a tão ociosa pergunta? Entretanto, no momento em que ele ouviu aquela voz, indubitavelmente conheceu que era a voz de Deus. Como, porém, conheceu isto, — quem é capaz de o explicar? Talvez que nenhum homem ou anjo consiga fazê-lo.

11. Para chegar ao derradeiro argumento: suponhamos estivesse Deus falando a uma alma: “Teus pecados são-te perdoados”: Deus deveria estar certo de que aquela alma conhecesse sua voz; (de outro modo estaria falando ao vento), — e Ele é capaz de fazer isso, — porque, desde que o queira, o perfazer está em suas mãos; desde que o faça, aquela alma estará absolutamente certa de que “essa voz é a voz de Deus”. Ainda assim, o que tem esse testemunho em si mesmo não pode explicá-lo a quem não o tenha: nem pode, na verdade, ensaiar qualquer tentativa nessa direção. Se houvesse qualquer modo de provar, ou método natural de explicar as coisas de Deus aos homens destituídos de experiência de assuntos divinos, então o homem natural poderia discernir e conhecer as coisas do Espírito de Deus. Mas isto é profundamente contrário a afirmativa do apóstolo, quando diz que “o homem natural não as pode conhecer, porquanto elas se discernem espiritualmente”, isto é, através de sentidos espirituais que o homem natural não possui.

12. “Mas, como saberei que meus sentidos espirituais estão corretamente dispostos”? Também isto é questão de grande importância; porque, se o homem se engana neste ponto, pode correr através de erros e ilusões sem fim. “E como posso estar certo de que este não seja o meu caso, e que eu não esteja em erro quanto à identificação da voz do Espírito”? Ainda pelo testemunho de teu próprio espírito, pela “resposta de uma boa consciência para com Deus”. Pelos frutos que Ele tem operado em teu espírito conhecerás o testemunho do Espírito de Deus. Por eles conhecerás que não estás iludido, que não enganaste tua própria alma. Os frutos imediatos do Espírito, desde que este reine em teu coração, são: “amor, alegria, paz, coração misericordioso, humildade de espírito, mansidão, doçura, longanimidade”. E os frutos exteriores são: fazer o bem a todos os homens, não fazer mal a ninguém e andar na luz, guardando uma obediência zelosa, uniforme, a todos os mandamentos de Deus.

13. Pelos mesmos frutos distinguirás a voz de Deus de qualquer ilusão diabólica. Aquele espírito arrogante não pode humilhar-te diante de Deus; não pode, nem quer amolecer teu coração, fazendo-o primeiro gemer aos pés de Deus e em seguida por Ele clamar com amor filial. Não seria o adversário de Deus e do homem quem te habilitaria a amar a teu próximo ou a te revestires de mansidão, ternura, paciência, temperança e toda armadura de Deus. Satanás não está dividido contra si mesmo a ponto de se tornar em destruidor do pecado, sua própria obra. Não. Não há senão um, o Filho de Deus, que veio “destruir as obras do diabo”. Tão certo como a santidade é de Deus e o pecado é obra do diabo, assim certamente o testemunho que tens em ti mesmo não é de Satanás, mas de Deus.

14. Bem podes então dizer: “Graças sejam dadas a Deus por leu dom inefável! Graças a Deus, que me deu a conhecer em quem tenho crido”; que “enviou o Espírito de seu Filho a meu coração, clamando: Abba, Pai! E ainda agora dando testemunho com meu espírito de que sou filho de Deus!” E vê que não apenas teus lábios, mas também tua vida publique teu louvor. Deus te selou para si mesmo: glorifica-o, pois, em teu corpo e em teu espírito, que são dele. Amado, se tens esta esperança em ti mesmo, purifica-te como Ele é puro. Enquanto consideras com que amor o Pai te amou, para que fosses chamado filho de Deus, purifica-te “de todas as imperfeições da carne e do espírito, aperfeiçoando-te em santidade no temor de Deus”, e sejam todos os teus pensamentos, palavras e obras um sacrifício espiritual, santo e aceitável a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 10

- P. 1. (§ 1). Em que tem sido o texto mal interpretado?
- P. 2. (§ 2). Que efeito tem isso produzido?
- P. 3. (§ 3). É necessário que se vá aos extremos?
- P. 4. (§ 3). Que se propõe considerar o pregador?
- P. 5. (I. 1). Que se considera primeiro?
- P. 6. (I. 2). Qual é o fundamento do testemunho de nosso próprio espírito?
- P. 7. (I. 3). Que provas são citadas de S. João?
- P. 8. (I. 4). Que diz o pregador da graciosa experiência desse apóstolo?
- P. 9. (I. 5). Como se prova o amor de Deus e de nosso próximo?
- P. 10. (I. 6). É esse o testemunho da consciência?
- P. 11. (I. 7). Como o pregador define o testemunho do Espírito de Deus?
- P. 12. (I. 8). Precede ou segue nosso próprio testemunho?
- P. 13. (I. 9). Que testifica o Espírito de Deus?
- P. 14. (I. 10). Esse testemunho se exclui de nosso próprio testemunho?
- P. 15. (I. 11). Que mais se diz do divino testemunho?
- P. 16. (I. 11). Reproduza o silogismo aí apresentado.
- P. 17. (I. 12). Explica ele a *maneira* por que se produz o divino testemunho?
- P. 18. (II. 1). Como se distingue esse testemunho conjunto?
- P. 19. (II. 2). Como se distingue ele da presunção?
- P. 20. (II. 3). Os sinais se encontram nas Escrituras?
- P. 21. (II. 4). Como pode ser desmentida a presunção vã?
- P. 22. (II. 5). Que dizem as Escrituras do novo nascimento?
-
- P. 23. (II. 6). Como se distingue o filho de Deus do que se engana a si mesmo?
- P. 24. (II. 7). Que mais se diz sobre esse ponto?
- P. 25. (II. 8). Como se dirige o pregador ao que se engana a si mesmo?
- P. 26. (II. 9). Que argumento tirado da Consciência aí se acrescenta?
- P. 27. (II. 10). Poderíamos exigir mais do que isso?
- P. 28. (II. 11). Como prossegue a argumentação?
- P. 29. (II. 12). Que outra questão de grande importância é considerada?
- P. 30. (II. 13). Como podemos dizer que essa voz seja de Deus?
- P. 31. (II. 14). Como termina o discurso?